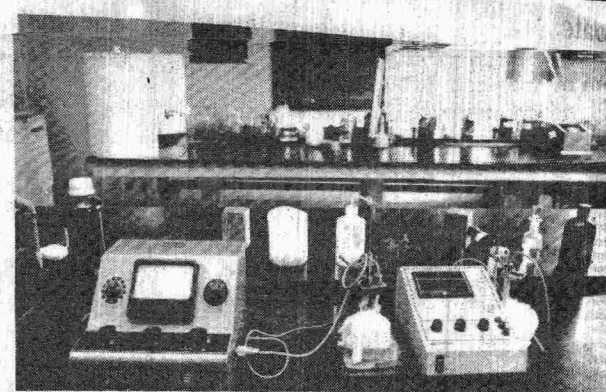
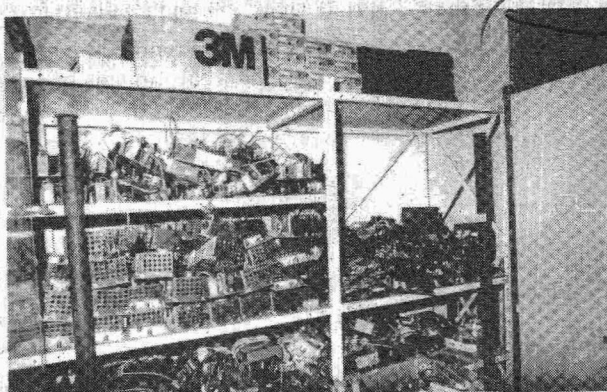
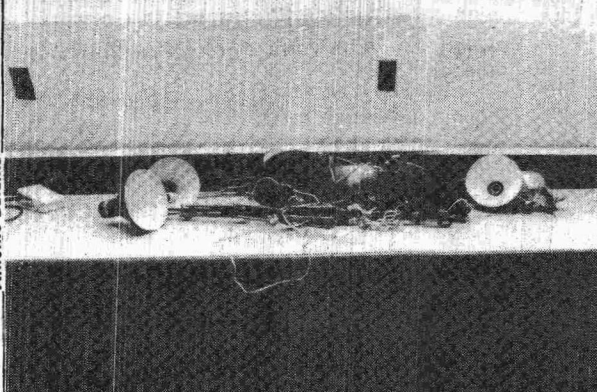




Apesar dos salários elevados, no laboratório de química da Uerj os aparelhos ainda são do tempo das válvulas, e, na Faculdade de Comunicação, os equipamentos estão abandonados.

A universidade dos bons salários e pouco trabalho

4 AGO 1988

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) é a ilha da fantasia dos professores cariocas: paga salários 100% superiores aos da USP e aos das outras universidades brasileiras. Mas, apesar disso, sua produtividade é praticamente nula. Quase não tem cursos de pós-graduação, seus professores não publicam trabalhos e os laboratórios estão caindo aos pedaços, com equipamentos danificados e obsoletos que não servem nem para o ensino básico.

Quase todo o orçamento da Uerj é gasto com a folha de pagamento, que supera Cz\$ 1 bilhão por mês. A Unicamp, por exemplo, que possui mais funcionários e tem grande produção científica gasta Cz\$ 1,3 bilhão. Vale a pena manter uma universidade nessas condições? Por que os professores ganham tão bem e não produzem? Para este ano, o orçamento da Uerj era de Cz\$ 6 bilhões. Só que essa verba já acabou no mês de abril, absorvida apenas pelos salários de professores e funcionários. O governo do Estado já liberou mais três parcelas para complementação orçamentária, totalizando mais de Cz\$ 3,5 bilhões. Até o final do ano serão gastos mais Cz\$ 10 bilhões, só com salários.

Esta ilha da fantasia cercada de privilégios por todos os lados suga do tesouro estadual uma quantia equivalente a 25% do total de recursos utilizados para subvencionar as entidades de administração indireta — fundações e empresas públicas — e quase 10% de todo o dinheiro alocado à administração direta, responsável pelas atividades básicas do Estado.

O orçamento da Uerj para este ano acabou em abril, mas em maio, junho e julho, o governo liberou três parcelas adicionais que totalizam mais de Cz\$ 3,5 bilhões, para que os funcionários e professores recebessem os salários.

No total, o orçamento será de Cz\$ 20 bilhões, enquanto a USP, com o dobro de professores e alta produção tecnológica, teve neste ano Cz\$ 26,3 bilhões.

Salários

O desempenho da Uerj, porém, não corresponde a este investimento da receita fiscal do Estado: paga salários muito mais elevados que as mais importantes universidades do País mas, ao contrário delas, não impõe padrões de desempenho, apresenta índices de produtividade muito baixos e faz pouca pesquisa.

Atualmente, um professor titular em regime de 40 horas semanais recebe Cz\$ 269.240,76 na USP e Cz\$ 559.047,96 na Uerj — mais do que o dobro. Este salário é 142% a mais do que o pago na UFRJ e 87% maior que o da PUC-RJ, onde o regime é de 48 horas. Enquanto o professor-titular de 24 horas/aula semanais tem salário de Cz\$ 120.196,76 na USP, na Uerj ele recebe Cz\$ 279.547,56 por 20 horas/aula, quase três vezes mais.

"A Uerj vista por fora tem uma casca que parece fantástica. Mas se você entrar, verá que dentro dela está vazio", admite o reitor Ivo Barbieri. Os números do Ministério da Educação provam esta afirmação: a Uerj paga bem os professores, mas tem somente 11 programas de pós-graduação credenciados no Conselho Federal de Educação sendo que nenhum deles mereceu avaliação oficial favorável. A USP possui 52 e a UFRJ, 33 programas de pós-graduação, metade deles classificada no nível A e B, conforme avaliação que é feita pelo Ministério da Educação, com a participação de comunidade acadêmica.

A última parcela de verba adicional, liberada pelo governo na semana passada, foi de Cz\$ 1,3 bilhão, totalmente gasta com o pagamento de 4.060 funcionários e 1.982 professores. A Universidade de Campinas (Unicamp) gasta a mesma quantia com a folha de pagamentos, mas produz conhecimento novo e tecnologia de ponta para o desenvolvimento industrial do País. A produção científica das universidades é medida pelo número de artigos publicados em revistas científicas, publicação de livros e

artigos em jornais, apresentação de trabalhos em congressos científicos, teses de mestrado e doutorado, registros de patentes no INPI e prestação institucional de assessoria e consultoria a entidades públicas e privadas. Dividindo-se o valor do orçamento pelo número de itens produzidos, verifica-se que cada item da Uerj custa 94% mais do que os da USP. A produção científica média anual é conseguida dividindo-se o número de professores pela quantidade de itens produzidos. Enquanto a USP possui índice de produtividade de 2,82, a Uerj não passa de 0,15. Este valor é inferior ao da UFRJ (0,72), PUC-Rio (1,51) e Unicamp (1,22).

Barbieri ainda não tem um diagnóstico completo da doença da Uerj, mas adianta que o problema principal é o crescimento acelerado e uma máquina administrativa ultrapassada em 30 anos. "É muito arriscado falar de números sobre a produtividade, já que não há cálculos precisos", justifica o reitor.

Sem investimentos

Apesar de pagar muito bem seus professores, há mais de dez anos a Uerj não faz investimentos em laboratórios, manutenção de equipamentos, bibliotecas ou obras de ampliação para as atividades de ensino e pesquisa. "A universidade está sucateada, com equipamentos comprados há 30 anos, totalmente obsoletos, muitos danificados, impróprios até para o ensino de graduação", revela Barbieri. No quinto andar da Faculdade de Ciências Médicas — responsável por 90% da produção científica da Uerj — o laboratório de parasitologia está instalado dentro de um banheiro, antes utilizado pelos alunos.

No laboratório de anatomia, os cadáveres se decompõem porque as cubas onde eles ficariam conservados não possuem tampa e, dessa forma, o formol se evapora.

"O curso muitas vezes é uma farsa, porque não há laboratórios", desabafa Homero Salazar, diretor da Faculdade de Ciências Médicas. Não há biotério de qualidade para as pesquisas, faltam meios de cultura, sais para reação, tubos de ensaio e até material de limpeza.

A situação também é precária na Faculdade de Odontologia. Nos primeiros três meses de aula do semestre passado, os alunos não tiveram anestesia, material de moldagem e filmes para radiografia. E existem dois motores (aparelhos que perfuram os dentes) para 30 alunos.

Nos laboratórios da faculdade de química, a última vez que se adquiriu um equipamento foi em 1976, mas a maioria da aparelhagem é de 1963.

"Ensinar Química aqui é o mesmo que ensinar um oficial da Marinha a ir a Portugal de caravela para depois se defrontar com um transatlântico no mercado de trabalho", lamenta o professor Ayrton Gonçalves.

ves, diretor do departamento de química.

Salários e pesquisas

Paga-se demais por muito pouco? O reitor Ivo Barbieri, eleito em janeiro pelo voto direto, entende que "os salários pagos na Uerj são bons em termos de Brasil, mas irrisórios se comparados com os de universidades estrangeiras". Ele argumenta que somente "salários altos podem trazer de volta os mestres que deixaram a universidade, o que melhorará a qualidade dos cursos e aumentará a produção".

O processo de melhoria dos salários começou em janeiro do ano passado e culminou com o acordo salarial deste ano, quando professores e funcionários recuperaram o que foi perdido pela inflação desde abril de 1987. Não houve, porém, o correspondente aumento de produção científica.

O problema da Uerj, na opinião do reitor, não são os salários, mas a inexistência de pesquisa. Por que a Uerj gasta tanto com professores e funcionários? Vale a pena manter uma universidade nestas condições? Que rumos tomar? Barbieri terá uma

Mensalidade escolar: o governo vai mexer?

As escolas particulares estão ameaçando paralisar o semestre, caso o governo modifique novamente a fórmula de reajuste das mensalidades. A proposta da Federação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino (Fenen) será discutida na próxima semana pelas diretorias dos sindicatos de escolas, em Brasília. "Não há quem agüente essa interferência constante do governo", reclama o diretor-superintendente da Fenen, Basile Anastassakis.

Para defender seu ponto de vista de que as mensalidades escolares deveriam resultar de acordo entre os pais e os donos de escolas, a Fenen propõe a paralisação que é proibida pela lei de greve. "Quando estamos começando a nos entender com os pais, vem o governo e interfere", diz o superintendente da Fenen.

Para o Ministério da Educação, porém, até agora não houve esse entendimento. O ministro Hugo Napoleão reconhece que "o decreto não está sendo cumprido". Diante disso, o presidente da República solicitou, no mês passado, uma revisão do decreto. A gota d'água para se voltar a pensar em revisão foi a decisão do Conselho Federal de Educação de aprovar, por decurso de prazo, mais de 500 pedidos de reajustes acima do que determina o decreto.

resposta em abril, quando estará concluída uma auditoria externa na folha de pagamentos e nos departamentos financeiro e de material. Barbieri diz que não tem condições hoje para afirmar, por exemplo, se os professores que ganham Cz\$ 559 mil para dar 40 horas de aula por semana estão cumprindo esta carga horária.

O reitor só tem certeza de duas coisas: cerca de cem professores (5% do total de docentes) recebem mais de Cz\$ 709.250,10 mensais — teto máximo que equivale ao salário do reitor — e há dez anos que a universidade não faz investimentos em laboratórios e bibliotecas. Quando assumiu a reitoria, Barbieri congelou as "vantagens personalistas", que são benefícios referentes à incorporação de cargos e comissões exercidos anteriormente. Hoje, estas vantagens representam Cz\$ 7 milhões na folha de pagamentos. Se não estivessem congeladas, seriam de Cz\$ 25 milhões.

Os alunos que vão à universidade e não encontram o professor na sala de aula sabem por que a universidade gasta tanto e produz tão pouco. O professor Windson Natal, por exemplo, ganha hoje Cz\$ 926.309,80 como titular de 40 horas/aula semanais. Segundo alguns alunos, ele é responsável pela disciplina de Microeconomia, que absorve somente quatro horas semanais. O resto do tempo ele gasta em um cargo que ocupa na Secretaria Estadual da Fazenda.

Wilson Choeri, ex-vice-reitor da Uerj e candidato derrotado nas últimas eleições à reitoria, é professor de Estatística no regime de 40 horas e recebe Cz\$ 966.734,00 por mês, salário 40% maior que o do atual reitor. Ele cumpre, porém, apenas 16 horas semanais e também trabalha na diretoria de ensino do Colégio Pedro II, ganhando outro salário.

"Ganhar Cz\$ 1 milhão é muita exorbitância para o Brasil", diz o físico Luiz Pinguelli Rosa, membro do conselho superior de ensino e pesquisa da Uerj. Para ele, "todos os que ganham este salário deveriam ser presos e os que encaram a universidade como um 'bico' deveriam ser processados por crime contra o patrimônio público".

Já Barbieri diz que não vai admitir que a Uerj tenha uma folha de pagamentos exorbitante e não produza. Somente 13,9% da carga horária total dos professores é dedicada à pesquisa, mas poucos na Uerj têm conhecimento dos resultados destes projetos tecnológicos. Mesmo sem possuir parcela do orçamento disponível para investimento em pesquisa, a Uerj teria uma saída: pedir financiamento de agências governamentais como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). No entanto, poucos grupos de pesquisa da Uerj tomam esta iniciativa.

Sérgio Adeodato

O computador é melhor do que o giz?

Até que ponto um microcomputador é mais eficaz que um giz como instrumento de apoio à educação? Para tentar responder essa pergunta, três professoras da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) estão desenvolvendo, desde o ano passado, um projeto de utilização de informática numa escola pública de segundo grau do Estado. "O uso de computadores ajuda a diminuir o trauma que algumas crianças têm com relação às disciplinas das ciências exatas, como física ou matemática", afirma uma das pesquisadoras, Gilda Helena Bernardino de Campos, que apresentou os primeiros resultados do trabalho ontem, na 5ª Conferência de Educação em Brasília.

A pesquisa das professoras faz parte de um projeto, batizado de Educom, que envolve outras quatro universidades: Federal de Pernambuco, Federal de Minas Gerais, Universidade de Campinas, e Federal do Rio Grande do Sul. No caso do Rio, as pesquisadoras elegeram uma escola pública, a Souza Aguiar, no centro da cidade, onde foi instalada uma central com 22 microcomputadores.

Os computadores estão sendo utilizados nas aulas de ciências exatas e biológicas. "No momento em que os alunos visualizam os fenômenos físicos ou químicos, se torna mais fácil para eles aprenderem", afirma Gilda.